



Organização
Pan-Americana
da Saúde
Escritório Regional da
Organização Mundial da Saúde

Restabelecamos o Espírito do Mundo

Volume 1, Edição 1

Restabelecamos o Espírito do Mundo
Junho de 2003

Editorial

E uma honra apresentarmos a primeira edição deste boletim, que nasce do esforço conjunto dos participantes que representaram a América Latina na IV Conferência Mundial, "Restabelecamos o Espírito do Mundo", título que foi adotado também como nome do boletim. O objetivo central deste meio de comunicação, que terá uma frequência trimestral, é a criação de uma rede para o intercâmbio de experiências que contribuam para o bem-estar dos indígenas de *Abya Yala* (nome dado pelos indígenas Kuna do Panamá a todo o continente americano) e do resto do mundo, sob a premissa de que todos nós compartilhamos do mesmo espírito concedido por Pacha Mama, a nossa Mãe Terra..

Cada edição deste boletim estará a cargo de um determinado país, ou grupos de países, em forma rotativa. As pessoas que representaram o Panamá na Conferência se encarregaram desta primeira edição. Esperamos que esta iniciativa contribua para a formação de um povo singular, unido e forte.

Com todo nossa afeição,

Margarita Griffith y Yuri Bacorizo



Uma indígena Kuna com seu bebê. Eles vivem na Comarca de San Blas, no litoral caribenho do Panamá.

Restabelecamos o Espírito do Mundo Quarta Conferência: sumário da nossa experiência

De 2 a 6 de setembro de 2002, 27 representantes de 16 povos indígenas, oriundos de 10 países e de instituições que trabalham pelo bem-estar dos povos indígenas das Américas Central e do Sul, tiveram a oportunidade de vir ao Novo México, nos Estados Unidos, para participarem do evento, que contou com a presença de mais de 3.300 pessoas procedentes de 15 países. O objetivo era compartilhar as nossas soluções frente à devastação produzida pela opressão cultural e política, manifestada pelo abuso de substâncias tóxicas, pela violência e pela alienação.

O movimento "*Restabelecamos o Espírito do Mundo*" se reuniu pela primeira vez no Canadá em 1992, teve prosseguimento na Austrália em 1994, e depois na Nova Zelândia em 1998. Nesta quarta conferência, nós, os indígenas da América Latina, tivemos nossa primeira participação. Uma das nossas maiores realizações foi a elaboração de um documento no qual manifestamos nossa posição com relação aos problemas do abuso de álcool e de outras substâncias, e propusemos soluções compreensivas que levem em conta as características específicas das culturas de nossos povos.

José Yáñez do Pozo, um Quechua-Hispano do Equador e participante deste evento, comenta para este boletim:

Continua na página 3

Nesta edição . . .

- Editorial
- Quarta Conferência Mundial "Restabelecamos o Espírito do Mundo": Sumário da Nossa Experiência
- Abuso do Álcool e de Outras Substâncias pelos Povos Indígenas
- Mensagem de um Sábio Jaibaná
- Vozes da Juventude Indígena
- Ventos da América: Atividades e Calendário de Eventos

O Abuso do Alcool e de Outras Substâncias pelos Povos Indígenas

Nilda Traipi
Margarita Griffith

Os problemas de desraigo, extrema pobreza, migração forçada e falta de autonomia, aos quais os povos indígenas do mundo foram submetidos, desencadearam uma série de problemas sociais, um dos quais, o consumo excessivo de bebidas alcoólicas. De 1994 a 1996, o índice de mortalidade por alcoolismo, ajustado por idade para a população indígena dos Estados Unidos, foi de 48,7, o que significa um índice 7 vezes maior do que o da população geral norte-americana (IHS, 1999). Este problema, que é atualmente a principal causa de morte entre os indígenas nos países em desenvolvimento, tem uma presença cada vez maior nos países da América Central e da América do Sul.

Dentro do contexto cultural, os povos indígenas tradicionalmente têm se caracterizado pelo forte consumo de bebidas fermentadas e de outras substâncias, tais como as plantas medicinais, nos seus rituais. Nas comemorações de caráter religioso e social, o consumo destas bebidas é acompanhado por cantos e danças coletivas que consolidam a unidade do povo e transmitem o seu legado cultural.

Por exemplo, o povo mapuche fermenta certos cultivos distintos, hoje em dia, o trigo ou kaci-lla, a maçã e o pinho. A colheita dessas culturas é realizada de maneira coletiva, durante a qual cerimônias específicas são praticadas visando a licença dos distintos newen, ou espíritos, para a colheita e o consumo de seus frutos na forma convertida de chicha e muzay. Estas bebidas são consumidas diariamente, mas principalmente durante o nguilatun – cerimônia realizada aos newen para os pedidos de fertilidade, saúde e longa vida para o povo mapuche e para o bem-estar da natureza.

Estas bebidas não provocam vício nem alterações físicas, já que não contêm preservativos, corantes artificiais ou extratos que geram alterações ou adulterações. A fermentação não atinge um alto grau de teor alcoólico.

O consumo destas bebidas tem outra finalidade que não a de embriagar. Elas fazem parte das cerimônias, sendo o consumo socialmente aceito e administrado. O conflito ocorre quando esta bebida natural fermentada é substituída pelas bebidas alcoólicas comercialmente produzidas e distribuídas (exemplo, cachaça e bebidas fortes em geral, cerveja, etc.). Estas bebidas alcoólicas são muitas vezes vendidas a crédito pelos fornecedores, o

que resulta no consumo desenfreado. Os indígenas são induzidos a dedicar uma grande parte dos seus recursos financeiros à compra de bebidas alcoólicas e, portanto, ignoram as necessidades essenciais da família – alimentação, roupa e tratamento de saúde. É um problema difícil de se enfrentar e controlar nas comunidades porque a indústria de bebidas alcoólicas oferece emprego e fonte de renda.

Outros fatores que agravam a situação são a pobreza, a falta de terra e de emprego. Além disso, o sistema educativo não responde às necessidades dos adolescentes que não possuem formação de nível superior.

Sem dúvida, estes são fatores de risco que contribuem para o desenvolvimento do vício. Ignorar as terríveis conseqüências que o álcool provoca no organismo das pessoas, na família, principalmente para as crianças e os jovens, pode ser um grande detrimento. É alarmante a falta de preocupação das autoridades, especialmente na elaboração de políticas que realmente visem combater o alcoolismo, o consumo exagerado de álcool e as vendas clandestinas do mesmo nas comunidades. Portanto, precisamos de nos organizar, a fim de encontrarmos soluções concretas a este problema que ameaça a vida dos nossos povos.



Para mim foi uma experiência bastante diferente ir ao sudoeste dos Estados Unidos. Eu considero a região como uma extensão da nossa Grande Pátria, pela presença de povos indígenas que se orgulham de sua história e pela região ser denominada Aztlán desde tempos antigos e, muito especialmente, desde as lutas dos Chicanos contra a opressão dos novos ocupantes destas terras mexicanas. Por isso, participar de uma reunião como a que tivemos em Albuquerque, além de oferecer uma oportunidade de conhecermos muita gente que veio de longe, foi realmente uma oportunidade para nos entendermos melhor. Mesmo o trabalho tendo sido às vezes demasiado apressado e nem sempre coordenado conforme desejávamos, os resultados foram muito positivos. Em pouco tempo, conseguimos discutir as bases de um documento a ser elaborado para conscientização entre os demais participantes e os nossos próprios dirigentes sobre um tema praticamente nunca discutido em nossas próprias regiões de origem. O debate sobre o uso e o abuso do álcool e de outras substâncias, como uma realidade cultural e como um problema sério, já tem um ponto de partida de onde podemos dar avanço a este e a outros temas de importância semelhante. Neste curto período de tempo, nós os povos do Sul, tivemos a oportunidade de nos conhecer. Cada pessoa, com seus interesses e sua personalidade, com seus anseios, esperanças e desejos, é agora um membro desta rede de amigos. Ao assumirmos este compromisso com nossos novos amigos, poderemos crescer na amizade e na compreensão de que alguns destes não se baseiam apenas nos anseios acordados durante a Conferência, mas também nas raízes que unem nas nossas Américas.

Para obter maiores informações sobre a Conferência “Restabeleçamos o Espírito do Mundo”, visite o endereço eletrônico:

www.healingourspiritworldwide.com
ou envie e-mail para
info@nihb.org

de pé, da esquerda para à direita:

Jorge Ñancucheo (ARG), Betty Pérez (ELS), Ubiratán Moreira (BRA), Rita Jaimes (ELS), Lucía Willis (GUT), Craig Wanderwagen (EUA), Guillermo Tesorero (ELS), Margarita Griffith (PAN), Walter Álvarez (BOL), Pascual Kunchikuy (ECU), Rocío Rojas (ECU).

Segunda fila – da esquerda para à direita:

Magda Moeshler (GUT), Nilda Traipi (ARG), Marcela Gómez (CHI), José Yáñez do Pozo (ECU), Adriana Simbaña (ECU), Diana Terán (ECU), Mónica Aguilar (ECU).

Mensagem de um Sábio Jaibaná:

“Uma nação sem história, sem língua, sem cultura e sem médico curandeiro tradicional é uma nação sem futuro, sem espírito e sem forças para continuar a se desenvolver como um povo.”

“A morte de cada ancião ou anciã indígena é como se um acervo de sabedoria fosse queimado.”

Arcenio Bacorizo
Sábio Jaibaná

Na língua Emberá, o termo “jai” representa o espírito, e a palavra “bana” se refere ao sábio que possui conhecimentos capazes de combater as enfermidades e as epidemias causadas pelos maus espíritos. Os médicos curandeiros tradicionais jaibaná e emberá possuem habilidades e poderes de cura para diversas enfermidades. Para a restauração da saúde, o jaibaná tem de entrar em comunicação com os espíritos para solicitar a cura do paciente. Durante as cerimônias, de acordo com o tipo de enfermidade, o Jaibaná utiliza tipos específicos de plantas e figuras talhadas em madeira.

O conhecimento do jaibaná é transmitido de geração a geração ou de pai para filho, mantido em sigilo com os estranhos e divulgado exclusivamente entre membros do próprio povo. Dadas às transformações atuais no mundo, os terapeutas indígenas entendem que precisam se organizar mais para protegerem os seus conhecimentos. Eles estão lutando para obter o reconhecimento da medicina ocidental, assim como pela valorização e a legitimação das suas práticas tradicionais de cura.

A medicina tradicional deve ser entendida como um processo social de reconhecimento e de respeito entre as diversas culturas. É necessário que cada país faça um esforço para que a medicina tradicional continue sendo desenvolvida nas populações indígenas.

Yuri Bacorizo, Povo Emberá
Chefe da Seção de Medicina Tradicional
Ministério de Saúde, Panamá



Vozes da Juventude Indígena:



O álcool é uma substância ruim para a saúde porque ele ocasiona a perda de memória e até a morte, e também traz muito sofrimento para a família. A droga é outra substância que pouco a pouco causa danos à pessoa, tornando-a fraca e até louca; os tóxicos debilitam o cérebro e a pessoa perde a razão. Eu recomendo a abstenção ao álcool, às drogas e ao tabaco porque estas substâncias põem a pessoa louca e, se alguém vai beber, deve fazê-lo com responsabilidade e com consciência daquilo que está fazendo.

*Manipikikili Bill, 14 años
Pueblo Kuna, Panamá*



A droga e o álcool são substâncias que contaminam a saúde da pessoa, podendo levá-la à morte; elas danificam o fígado e a pessoa pode ficar totalmente viciada e incapacitada. No mundo atual há muitas pessoas que sofrem do vício e que morrem por causa do álcool e das drogas.

*Wagabialer Benítez, 11 anos
Povo Kuna, Panamá*



© México - Armando Waak/OPAS

VENTOS DA AMÉRICA:

ATIVIDADES E CALENDÁRIO DE EVENTOS

O título desta seção foi concebido com base na informação enviada pela companheira Nilda Traipi, do Povo Mapuche da **Argentina**:

"Nossos anciãos têm uma clara convicção de que existem forças sobrenaturais no meio ambiente, representadas pelos ventos (o de norte a sul e o de leste a oeste), e que elas ocupam um espaço concreto. Para o povo mapuche, as forças sobrenaturais atuam através da forma dos ventos. Os ventos nos orientam em nossas vidas cotidianas porque o curso dos ventos, tanto nos sonhos quanto na natureza, indicam a previsão de algo bom ou mal. Em outras palavras, os ventos orientam e determinam a vida dos mapuche e a natureza que é a própria vida; assim, a cada vez que nasce um vento se pode manter e dar vida a cada elemento da natureza."



Restabelecemos o Espírito do Mundo



Edição:

Margarita Griffith

Chefe da Seção dos Povos Indígenas do Ministério de Saúde do Panamá

Yuri Bacorizo

Chefe da Seção de Medicina Tradicional do Ministério de Saúde do Panamá

Ary Silva, OPAS/OMS

Coordenação: **Rocio Rojas, OPAS/OMS**

Artes Gráficas: **Alex Winder, OPAS/OMS**

Patrocínio: Iniciativa de Saúde dos Povos Indígenas, Organização Pan-Americana da Saúde

Coordenadora Regional : **Sandra Land.**
Iniciativa de Saúde dos Povos Indígenas,
Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)

NOTA DA REDAÇÃO

O Boletim Indígena será publicado em espanhol, inglês, português, e em um idioma nativo.

Para enviar comentários, sugestões, matérias, notícias, idéias e opiniões sobre o bem-estar dos povos indígenas das Américas, ou para participar como um dos patrocinadores deste boletim, favor dirigir-se ao seguinte endereço eletrônico:

rojasroc@paho.org

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer às seguintes instituições que possibilitaram a participação da delegação da América Latina:

- Indian Health Service
- National Indian Health Board
- National Native Addictions Partnership Foundation
- Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)

U.S. Department of Health and Human Services
Indian Health Service

The Federal Health Program for American Indians and Alaska Natives



Organização Pan-Americana da Saúde
Escritório Regional da
Organização Mundial da Saúde



